

Análise do discurso e psicanálise: a presença do ethos

PAULO LOBEMVEIN

UFMG, Belo Horizonte, Brasil

RESUMO

O presente trabalho pretende produzir reflexões acerca da interdisciplinaridade entre Análise do Discurso e Psicanálise. Para tanto, lançamos mão, sobretudo, da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, e da noção de Ethos trazida por Dominique Maingueneau. Após breves considerações históricas, pensamos a formação do Ethos na figura do analisante e debatemos sobre a interação discursiva presente na cena analítica. Trata-se de lançar perguntas sobre a influência do analista na fala do analisante e também do paciente nas intervenções do analista.

Palavras-chave: Psicanálise; Análise do Discurso; Teoria da Enunciação; noção de Ethos; discurso.

ABSTRACT

This paper aims to produce reflections on the interdisciplinarity between Discourse Analysis and Psychoanalysis. To this end, we make use, above all, of Emile Benveniste's Theory of Enunciation and Dominique Maingueneau's notion of Ethos. After brief historical considerations, we consider the formation of Ethos in the figure of the analysis and discuss the influence of the analyst on the analysee's speech, as well as the influence of the patient on the analyst's speech.

Keywords: Psychoanalysis; Discourse Analysis; Theory of Enunciation; notion of Ethos; discourse.

1. INTRODUÇÃO

Ao contemplar as interlocuções entre a Psicanálise e o campo linguístico-discursivo, torna-se evidente a vastidão dessas relações, as quais apenas uma delas será explorada neste trabalho. Nosso foco é analisar um aspecto dessa interlocução: Psicanálise e Análise do Discurso, que se revelam particularmente importantes para este artigo. Direcionaremos nossa atenção para um conhecimento que se aproxima das sessões analíticas em consultórios, lançando luz sobre a Análise do Discurso.

Uma premissa que traçamos como ponto de partida para esse trabalho é elegermos um sujeito que será designado como referência. O sujeito delineado por Michel Pêcheux (1975) é o que orienta essa premissa no trabalho. Sugerimos também a leitura de Cohen (2023) para aprofundamento da questão do sujeito que aqui consideramos.

Neste momento, concentrar-nos-emos em pontos de ancoragem da Análise do Discurso em diálogo com a Psicanálise. Abordaremos de forma mais ampla este campo de estudo e enfatizaremos o conceito de Ethos, essencial para esta pesquisa e fundamentado, sobretudo, nas contribuições de Dominique Maingueneau.

2. ANÁLISE DO DISCURSO E CLÍNICA

A Análise do Discurso, desde a sua emergência em meados dos anos 1960, tem sido objeto de problematização e crítica por parte de linguistas, dentre outros Wander Emediato (2020). O autor contribui para essa discussão por meio de texto intitulado “Problemáticas Contemporâneas dos Estudos do Discurso: por uma análise integrada”, publicado em 2020. O texto está inserido no livro *Teorias do Discurso: novas práticas e formas discursivas*, em colaboração com as organizadoras Ida Lúcia Machado e Gláucia Muniz Proença Lara. No primeiro capítulo, Emediato realiza uma reflexão sobre o surgimento e as interlocuções históricas da Análise do Discurso.

Emediato (2020) resgata o texto do livro *Problemas de Linguística Geral I*, de Émile Benveniste, contemporâneo do surgimento da Análise do Discurso como uma nova disciplina, um foco de reflexão sobre o avanço necessário no entendimento do discurso, transcendendo a simples formação linguística das frases. Benveniste parece empenhar-se em integrar o conceito saussuriano de signo, central na linguística, àquilo que lemos como a “linguagem em ação” (Benveniste *apud* Emediato, 2020, p. 22), percebida como uma manifestação semântica nos estudos discursivos. Emediato cita uma passagem de Benveniste, a qual julgo pertinente reproduzir:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, *cujas expressões são o discurso*.

Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora os seus caminhos se cruzem a todo instante. Há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva (BENVENISTE, 1976, p. 139 *apud* EMEDIATO, 2020, p. 22, grifo nosso).

Benveniste (1976) avança ao discutir as relações entre a frase e o discurso, concebendo a frase como um agente de representação e afirmação do que é moldado pela língua, mas que, por sua vez, se desenvolve a partir das relações entre os sujeitos em um contexto específico. Ele formula a ideia de que “a frase é a unidade do discurso” (*Ibid.*), destacando a interdependência entre a estrutura linguística da frase e o contexto discursivo mais amplo no qual ela é empregada. Essa perspectiva sublinha a inseparabilidade entre forma linguística e uso pragmático, ressaltando a centralidade da análise do discurso na compreensão das dinâmicas comunicativas.

Em outra seção do livro *Problemas de Linguística Geral II*, intitulada “O Aparelho formal da Enunciação”, o autor francês sustenta que é impossível reproduzir um discurso de maneira idêntica duas vezes (Benveniste, 2006). Ainda que as frases proferidas em determinados discursos possam ser replicadas com a mesma estrutura sintática, por vezes no mesmo contexto e envolvendo as mesmas pessoas, a repetição por si só introduz uma outra dimensão de significado ao discurso proferido. A cada repetição, emerge uma nuance distinta, conferindo ao discurso uma dinâmica que transcende a mera reprodução mecânica. Em outras palavras, a repetição não implica uma duplicação exata, mas sim uma renovação sutil que enriquece a compreensão do significado inerente ao ato discursivo.

No contexto da relação entre frase e discurso, podemos empregar a metáfora sugerida por Saussure (2006, p. 104), na qual o autor compara o estruturalismo linguístico a um tabuleiro de xadrez. Nessa analogia, a disposição das peças no tabuleiro representa a estrutura da linguagem, e cada movimento feito por um jogador altera essa estrutura, abrindo novas possibilidades de movimento para o adversário. A multiplicidade de opções não modifica as regras que regem o movimento de cada peça, mas cria diferentes formas de interação entre elas. Nas palavras de Saussure (2006, p. 104 e 105):

- a) Cada lance do jogo de xadrez movimenta apenas uma peça; do mesmo modo, na língua, as mudanças não se aplicam senão a elementos isolados.
- b) Apesar disso, o lance repercute sobre todo o sistema; é impossível ao jogador prever com exatidão os limites desse efeito. As mudanças de valores que disso resultem serão, conforme a ocorrência, ou nulas ou muito graves ou de importância média. Tal lance pode transtornar a partida em seu conjunto e ter consequências mesmo para as peças fora de cogitação no momento. Acabamos de ver que ocorre o mesmo com a língua.
- c) O deslocamento de uma peça é um fato absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente.

Cohen (2023) aborda a interação entre sujeito e discurso, estabelecendo uma correlação entre discurso e psicanálise; ele confere uma importância destacada às influências do sujeito na elaboração de um discurso que só alcança plena eficácia quando observado em sua contextualização. Esta ênfase na contextualização emerge como um aspecto central, revelando-se mais condizente com os princípios da Análise do Discurso do que com a abordagem da linguística clássica. A autora acrescenta:

Valoriza-se a caracterização da linguagem como um bem cultural, o que dá abertura a que se reconheçam na estruturação linguística um nível local ou microlinguístico, que vai ser parte de um todo maior, global, em que a totalidade não é a soma dos elementos que o constituem (*Ibid.*, p. 184).

Na Psicanálise, compreendemos que o cerne da experiência reside no tratado dialogal. Assim como as frases são compostas por diversas “peças no tabuleiro”, as intervenções do analista parecem desempenhar um papel crucial no “jogo de xadrez” do discurso. Nessa perspectiva, as interações verbais na Psicanálise podem ser entendidas como um constante diálogo entre os entes, onde as intervenções do analista têm o potencial de influenciar a configuração e a direção do discurso do analisante, assim como o discurso do analisante tem potência de modular as intervenções do analista.

3. A NOÇÃO DE ETHOS

Na convergência das reflexões sobre a Análise do Discurso, a interação sujeito-discurso, e a noção de Ethos, emerge uma compreensão interdisciplinar. As contribuições de autores como Benveniste, precursor da Análise do Discurso, e Emediato, leitor de Benveniste, destacam a dinâmica entre a frase como “peças do tabuleiro” e o discurso como “jogo de xadrez”, enfatizando a importância da contextualização e da inter-relação na construção do significado linguístico. Cohen (2023, p. 179), ao contrastar discurso e psicanálise, ressalta a influência crucial do sujeito na elaboração discursiva, reconhecendo a conexão entre quem fala e quem escuta. Nesse cenário, essa noção, presente na Análise do Discurso, ganha destaque como uma lente interpretativa que não apenas considera o conteúdo linguístico, mas também a ética, a credibilidade e a autoridade subjacentes ao discurso. As intervenções do analista no processo psicanalítico, assim como as construções discursivas, são permeadas por elementos éticos que moldam a percepção do sujeito.

Cohen (2020) mobiliza o conceito de Ethos dentro da prática psicanalítica, utilizando como exemplo a “mentira” presente no discurso do analisante. Esse fenômeno ocorre como ilustração daquilo que o sujeito tenta comunicar no *setting* analítico, levando em consideração o que supõe que o analista deseja escutar. Há uma interpretação por parte do analisante sobre o que está em jogo na cena e uma construção discursiva que parece buscar atender a alguma exigência de como ser visto pelo analista. A autora afirma que “o analisando ensaia, de certa forma, a desconstrução da atividade da sessão analítica, trazendo elementos externos em que ele tenta enredar o analista” (*Ibid.*, p. 259).

Segundo Dominique Maingueneau (2005), duas razões o motivaram a incorporar esse conceito na abordagem discursiva: a posição dialógica e reflexiva da enunciação, e a influência do corpo na construção discursiva. Maingueneau argumenta que, para além da persuasão por meio de argumentos, como estabelecido na tradição retórica, a noção de Ethos possibilita uma reflexão mais abrangente sobre o processo de adesão de sujeitos a determinada posição discursiva (*Ibid.*, p. 69). Essa perspectiva ampliada destaca a importância do Ethos não apenas como uma ferramenta persuasiva, mas como um elemento que contribui para a construção discursiva e para a formação da identidade discursiva dos sujeitos.

Na introdução do livro *Imagens de si no Discurso: a construção do ethos*, Ruth Amossy (2005) inaugura seu texto com uma reflexão crucial. Sua ponderação inicial destaca o que é inerente à construção do Ethos no discurso, constituindo uma premissa fundamental para a obra.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem para si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato [*sic*], detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédias, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si (Amossy, 2005, p. 9).

Iniciamos, a partir da mencionada citação, a explorar afinidades clínicas com a concepção de Ethos tal como delineada na análise do discurso. O paciente que emerge no cenário analítico seleciona, “deliberadamente ou não” (conscientemente ou não), narrativas, eventos, lembranças e qualquer outro aspecto que contribua para a construção de sua representação perante o interlocutor analítico. Este sujeito, ao seu modo singular, se mostra.

Maingueneau (2005, p. 70) destaca, adicionalmente, a importância dos “traços de caráter”, uma tradução que, segundo o autor, não capta plenamente o termo “Ethos”. Este termo denota aspectos da personalidade, ou, em uma perspectiva psicanalítica, poderia se referir ao sintoma que perpassa o discurso do sujeito, mesmo quando este não aborda explicitamente informações sobre si mesmo.

Destaca-se um termo utilizado por Maingueneau (2005, p. 72) para descrever o papel do destinatário do discurso: “fiador”. Essa concepção estende-se igualmente à figura fisicamente presente do analista no contexto analítico. Não há um conhecimento prévio acerca da identidade da pessoa que escuta, mas, sim, uma “instância subjetiva encarnada”, um aspecto que será explorado mais adiante neste trabalho, vinculado ao fenômeno da transferência. Nesse sentido, o fiador desvela-se como uma construção psicodinâmica, evidenciando-se como uma voz interna que orienta o discurso do analisante, seja esta internalização representada pelo superego ou encarnada no próprio analista presente.

De uma maneira ou de outra, conforme indica o autor, a presença da figura do fiador atua como elemento ancorador de uma específica modulação discursiva que configura o Ethos do enunciador:

O ethos implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apóiam-se [*sic*], então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apóia [*sic*] e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. Esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade [...] (Maingueneau, 2005, p. 72).

Assim, compreendemos que o Ethos está intrinsecamente relacionado a uma construção coletiva que configura a representação daquilo que o paciente expressa ao analista. Em contrapartida, o analista/fiador desempenha o papel de validador das posições apresentadas no Ethos manifestado. Maingueneau (2005, p. 73) enfatiza que a “qualidade do ethos” está intrinsecamente ligada à presença do fiador.

O autor prossegue argumentando que, por essa razão, não é viável presumir que um discurso esteja desvinculado sócio-historicamente do momento em que foi gerado. Não existe dissociação entre o que é verbalizado e “o modo de legitimação de sua cena discursiva” (*Ibid.*, p. 74). Em outras palavras, um discurso proferido em contexto analítico é intrinsecamente um discurso produzido nesse cenário específico, e é somente sob essa perspectiva que pode ser adequadamente compreendido.

Amossy (2005, p. 16), ao interpretar os textos de Maingueneau, destaca que “o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Cohen (2023), ao dar destaque à fala direcionada ao outro e enfatizar os aspectos dialógicos inerentes ao processo analítico, extrai uma citação de Lacan presente no texto “Função do campo da fala e da linguagem”. Essa citação, ao que parece, complementa o entendimento da questão do Ethos no contexto da cena analítica.

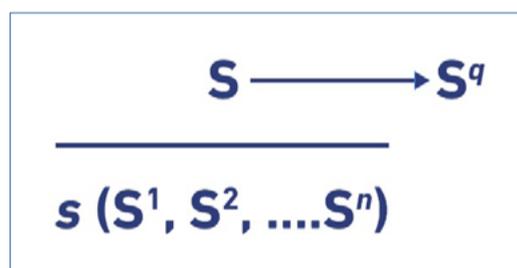
É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída **pela fala endereçada ao outro**, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise. Não em 1904 [...] porém em 1985. [...]

Primeiramente, quando o sujeito se engaja na análise, ele aceita uma posição mais constituinte, em si mesma, do que todas as instituições pelas quais se deixa mais ou menos enganar: a da interlocução; e não vemos nenhum inconveniente em que esta observação deixe o ouvinte desconcertado. Por isto nos dará ensejo de insistir em que a alocação do sujeito comporta um alocutário, ou, em outras palavras, que o locutor constitui-se ali como intersubjetividade (Lacan, 1998, p. 259 *apud* Cohen, 2023, p. 179).

Embora Lacan não mencione explicitamente o termo em discussão neste momento, a convergência na descrição conceitual é evidente. Esse processo de endereçamento parece envolver o outro (analista) no discurso do analisante. Voltamo-nos ao texto “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, no qual o Lacan (1967) elabora o que ele mesmo denomina de “matema da transferência” (Figura 1).

Neste texto, Lacan (1967, p. 252) retoma o conceito de transferência para descrever a figura do analista como o “Sujeito Suposto Saber”, que se refere à ideia fantasiosa do analisante de que o analista sabe algo e, portanto, merece seu investimento. O autor, então, afirma na página seguinte que “Suposto, ensinamos nós, pelo significante que o representa para outro significante” (*Ibid.*, p. 253).

Figura 1 ■ Matema da Transferência



Fonte: LACAN, 1967, p. 253

Neste matema, conforme descrito por Lacan (1967, p. 253-254), o significante sobre a barra (S) representa um significante do analisante, conhecido como significante da transferência. Quando esse significante se conecta a um significante específico que particulariza o analista (S^q), o resultado, sob a barra, é um sujeito (s) articulado aos significantes do saber inconsciente ($S^1, S^2, \dots S^n$). O saber está localizado do lado do sujeito, sob a barra do recalque, mas é experimentado como se fosse um saber atribuído ao analista.

O foco deste trabalho neste momento é verificar a posição de Lacan em relação à influência do analista na construção do discurso do analisante, ou ainda, no Ethos Discursivo do analisante. Vejamos o trecho a seguir, extraído da página seguinte à demonstração do matema da transferência:

Vemos que, embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros, que nela se colocam como o psicanalisante e o psicanalista, ela só pode desenvolver-se ao preço do constituinte ternário, que é o significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome: o sujeito suposto saber, esta uma formação não de artifício, mas de inspiração, como destacada do psicanalisante (LACAN, 1967, p. 254).

Nesse parágrafo, Lacan explicita que a formação do discurso que se estabelece na análise está diretamente ligada à figura do analista. É ele quem fornece o significante (S^a), que está acima da barra, e que molda o significante da transferência, permitindo assim que a cadeia de significantes se desenvolva no lado abaixo da barra, dando forma ao discurso.

O autor continua afirmando que “o que nos importa aqui é o psicanalista em sua relação com o saber do sujeito suposto, não secundária, mas direta” (*Ibid.*, p. 254). Essa declaração destaca a importância central do analista na análise, não apenas como um elemento secundário, mas como uma influência direta no saber atribuído ao analista pelo sujeito em análise. No entanto, no parágrafo abaixo, lemos o seguinte dizer:

É claro que, do saber suposto, ele nada sabe. **O “ S^a ” da primeira linha nada tem a ver com os S encadeados da segunda, e só pode ser encontrado neles por acaso.** Assinalamos esse fato para nele reduzir a estranheza da insistência de Freud em nos recomendar que abordemos cada novo caso como se não tivéssemos aprendido coisa alguma com suas primeiras decifrações (Lacan, 1967, p. 254, grifos nossos).

Com clareza, Lacan busca dissociar a formação discursiva do analisante da figura do analista, negando que o surgimento de novos significantes tenha qualquer relação com o significante inicial (S^a), exceto por acaso. Essa perspectiva lança certa dualidade sobre a modulação do analista no que denominamos “Ethos discursivo”. Ao associarmos os saberes consolidados pelos analistas do discurso que estão mostrados adiante nesta seção, encontramos aproximações e distanciamentos teóricos. Surge, assim, um Ethos que se configura a partir da apresentação do analista, indicando que o discurso do mesmo analisante, em interação com outro analista, assumirá contornos distintos. Daí interpretamos que a Psicanálise se reinventa a cada processo analítico. Retornamos então ao pensamento dos analistas do discurso.

Se há a constituição de um Ethos no analisante, torna-se imperativo admitir que o analista também possui o seu próprio Ethos. Nesse contexto, Maingueneau (2008), no texto “A propósito do Ethos”, ao abordar a leitura de Althusser em “ler *O Capital*”, procura compreender o Ethos projetado pelo autor em sua escrita. No terceiro aspecto de entendimento de Althusser presente na escrita, Maingueneau (2008, p. 23) destaca a figura “o psicanalista”. Vejamos:

Podemos identificar um terceiro padrão discursivo sobre o qual se desenvolve a enunciação de Althusser: o do psicanalista. Este último é historicamente especificado pela predominância, na segunda metade dos anos 1960, de um ethos bem caracterizado (e não raro caricaturado) dos lacanianos, cujo propósito misturava o cúmulo da abstração com um recurso sistemático a um padrão falado. E tal ethos tem sentido em relação ao que se opunha: o ethos científico acadêmico que tomava como modelo a prosa freudiana. Mas – e nisso bem diferentemente do ethos profético de Lacan – Althusser adota um ethos de simplicidade que procura encarnar uma espécie de ética da palavra fraterna ligada a um “nós”. [...] A seqüência [*sic*] do texto põe em cena uma teoria da leitura que é emprestada justamente da psicanálise, uma leitura que põe no centro o lapso ou o equívoco (p. 17), que nutre o *trabalho* do dizer do *trabalho* difícil do inconsciente. Teoria segundo a qual Marx pensador é um leitor, e sua teoria da história é “uma nova teoria do ler” (p. 15). Somos levados, pouco a pouco, a identificar as relações entre o psicanalista e a palavra dos analisandos [...] (MAINGUENEAU, 2008, p. 23).

A postura adotada pelo analista também exerce um papel definidor no discurso do locutor. A construção discursiva do analisante não apenas se entrelaça com a formação do “ethos psicanalista”, como citado por Maingueneau, mas também é integrada a essa elaboração. A provocação feita sobre o semblante psicanalista, “*caricaturado*” nas palavras do autor, convoca o sujeito dentro da relação dialógica mencionada por Cohen (2023). As posições na cena analítica não se restringem, de maneira alguma, a uma dicotomia de passivo e ativo, afastadas entre si. Ao contrário, o conhecimento proporcionado pela Análise do Discurso implica uma cena que incorpora ambos os sintomas, analista e analisante, na construção da narrativa que retifica, igualmente, ambas as posições.

Desse estudo emerge a assertiva de que *a própria transferência é a materialidade de que o analista está presente no discurso do analisante.*

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. Introdução – da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EdUSP, 1976.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. **Ensaio de linguagem e psicanálise**. Campinas, SP: Pontes, 2023.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. A análise do discurso e a psicanálise: a mentira e a construção do *ETHOS* na prática da psicanálise. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia Muniz Proença (Orgs.). **Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 247-262.
- EMEDIATO, Wander. Problemáticas contemporâneas dos estudos do discurso: por uma análise integrada. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; LARA, Gláucia Muniz Proença (Orgs.). **Teorias do discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 19-56.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1957].
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1967], p. 248-264.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. Tradução: Luciana Salgado. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-90.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: EdUnicamp, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.